



A QUATRO LADROENS SEVANDIJAS  
V E X A M E,  
E  
A N T E F O L H E T O  
D E  
T H O M A ' S P I N T O B R A N D A M .  
R O M A N C E .

**L**U não vi Terra como esta  
Na estranheza dos productos ;  
De Poésias taõ farta ,  
E taõ esteril de assumptos !  
Pois não he por falta de agua ,  
Que para isso ha diluvios ;  
Mas quanto mais nella cavo ,  
Tanto mais os acho fundos .

Vejam os na superficie  
 Em falta desses occultos,  
 Se algum menos mão achamos,  
 Que na Terra faça fruto.

O dos ladroens he já velho;  
 Inda que está em bom uso,  
 E vay passando por moda,  
 Por ser à Corte opportuno.

Elles são os que na Praça  
 Fazem o mayor concurso;  
 E, se se extinguirem estes,  
 A Deos, acabou-se o luxo.

São officios muito nobres,  
 Dos quaes não pagão tributos;  
 Tem servintia alguns delles,  
 Porém propriedade muitos!

Eu com elles me não meto,  
 E tambem delles não fujo;  
 Pois não só não trago bolsa;  
 Porém nem faço aqui vulto.

Quando de noite os encontro,  
 Logo a cara lhes descubro;  
 E em vendo que sou Poeta,  
 Já sabem que vou espurio.

Atèqui nenhum Poeta  
 Foy roubado neste Mundo;  
 Que Apollo, como de rayos;  
 De ladroens os tem seguros.



Ora eu gostey da materia ;  
 Sobre ella serà o discurso ;  
 E pois não ha ladroens nobres ,  
 Sejaõ sevandijas tudo .  
 O Mosquito , o Percevejo ,  
 A Pulga , e o Piolho em furtos ;  
 Supposto que impertinentes ,  
 Serão os meus quatro adjuntos .  
 Das Musas a mais piolhosa  
 He que neste canto busco ,  
 E ao mais pobre Apollô chamo ;  
 Que eu a todo o Sol me espugo .  
 Já que à Nobreza o não faço ,  
 Quero divertir o vulgo ;  
 E alguns grandes tambem gostaõ  
 Do que eu digo , quando o cuido .  
 Venha o Mosquito a juizo ,  
 Ladrão subtil , e abelhudo ;  
 Seja o primeiro , porque ando  
 Picado com elle ha muito .  
 Flauta de todos os Diabos ,  
 E diabolico canudo ,  
 Que os ouvidos me atormenta  
 Com teu infernal susurro !  
 E a graça he que se enfada ,  
 Se eu ao seu canto não durmo ;  
 Porque guincha com mais força  
 Quando da orelha o sacudo .

Por mais que rodella faço  
 Do lençol, com que me cubro;  
 Não basta; que aquelle estoque  
 Passa o colete mais duro:  
 Eu sempre alecrim lhe queimo;  
 Mas que importa, se aos meus fumos  
 Superam os altos voos  
 Deste nada perniagudo!  
 Este invisivel morcego,  
 E voador sanguissugo;  
 Nunca vista Passarola;  
 E impalpavel Avechucho,  
 Este musico de orelha,  
 Falsete em arias diffuso;  
 A quem eu faço o compasso  
 A bofetadas, e a murros.  
 (Mas se em falsete me canta;  
 Se me morde a pouco estudo,  
 E me não voa direito,  
 Isso faz; quem? Frey Tarugo.)  
 Esta praga, que do Egypto  
 Se estendeu por todo o Mundo;  
 Sendo em summa tudo nada,  
 He o que me chupa em summo.  
 Mas dos mosquitos humanos  
 Livre Deos os nossos vultos;  
 Que a quem achão mais cuberto  
 Chupão com mayor impulso!



Ora o ladraõ Percevejo  
 Seja dos quatro o segundo ;  
 Que bem podia ser quinto ,  
 No que mata , de importuno !  
 He matador , e he ladraõ  
 A hum tempo nos seus absurdos ;  
 Que naõ só me rouba o sono ,  
 Mas tambem me prèga hum chuço.  
 Se eu na Forca de dous dedos  
 O aperto , ou o dependuro ,  
 Ao tempo que mais me fede ,  
 Tambem me cheira a defunto.  
 Quando vè que vou sobre elle ,  
 Depois de encher o bandulho ,  
 Corre este Diabo negro  
 Mais do que hum cavallo russo !  
 Para defenderme delle  
 Com toda a roupa me embrulho ;  
 E por naõ morrer de abafo ,  
 Algumas vezes lhe fujo.  
 E quando o ladraõ me apanha ,  
 Ou por sono , ou por descuido ,  
 Descuberto hum meyo braço ,  
 Dáme estocadas de punho.  
 He taõ defavergonhado  
 Em seus assaltos , e insultos ,  
 Que se atreve ao Rey , ao Papa ,  
 Ao Cardeal , e ao Nuncio.

**D**as Freiras, è das Senhoras  
 Nenhum leyto està seguro;  
 Se atè entra em hum pao Santo  
 Este animado caruncho.  
**E**u devo de ter bom sangue,  
 Pois vejo que o porco immundo  
 Do meu he que faz chouriço,  
 E tal, que me mete ingulhos.  
**D**estes ha aqui ladroens limpos;  
 Porèm ha outros taõ çujos,  
 Que sendo em roubos sobejcs,  
 Por sobejos os empurro.  
**O** terceiro sevandija  
 He tambem ladraõ astuto;  
 Por quem eu dou ao Piolho;  
 E às vezes o dissimulo.  
**M**as se ao pesçoço se lança  
 Do visinho, entaõ acudo;  
 E dizendo, com licença,  
 No chaõ de hum sopro, o derrubo.  
**H**uma Escolastica palha  
 Lhe chamaõ là nos estudos,  
 Porque sabe muita letra;  
 Porèm eu, palha, de burro!  
**P**alha, que ronda, e capea,  
 He de Quadrilheiro junco;  
 Que busca o calçaõ dos pobres,  
 E tira o sangue de justos.



(7)

Eu só por só não lhe hey medo,  
 Que o coço, como costume;  
 Mas se com gente me apanha,  
 Então, por força o aturo.  
 Sou certamente o seu alvo,  
 Pois me enveste resoluto,  
 Vendo-me roupa lavada;  
 Que não gosta de basculhos.  
 Outros lhe chamaõ Fidalgo,  
 Só porque morre a pés juntos;  
 E eu o vi já dar carreiras,  
 Buscando à vida refugios.  
 Com pobres mais se accomoda,  
 Onde come a menos custo;  
 Mas se com pobres se mete,  
 Não he Fidalgo, he impuro.  
 Quando se retira ao mato  
 De louro, castanho, e escuro,  
 As montarias de hum pente  
 Lhe faço muito a miudo.  
 E se acafo da cabeça  
 Me cahe nas unhas o bruto,  
 Como he capital o crime,  
 Alli logo à morte o julgo.  
 E pois que ha, em outro sexo,  
 Por casas, e por monturos,  
 Tambem, sevandijas ladras;  
 Venha a Pulga aqui, de pulo.

Não

Esta

Esta velhãca buscona,  
 Como ladraõ dissoluto,  
 Se mete pelos meus quartos  
 A comer nos meus prezuntos.  
 Como vè nos seus assaltos  
 A fraqueza dos meus muros,  
 Trepã, e no ouvido me entra,  
 Que saõ mil tambores juntos.  
 Porèm, como me ensinãrãõ  
 Que a lançasse fóra a cuspos,  
 Sahe, mas acaba de estoiro,  
 Tal, que o pòde ouvir hum surdo.  
 E atè busca a sevãndija  
 De hum donaire o subterfugio;  
 Quebrantando as cinco ordens  
 De barbas atè o coturno.  
 E se as apanha na Igreja,  
 Entãõ come mais seguro;  
 Porque as impede a coçar-se  
 Aquelle grande reduto.  
 Porèm lá tem seu desconto  
 Nessas faturas, e he justo,  
 Já que busca aquelle baso,  
 Que soffra a mulher do bufo.  
 Taõ amiga he de vestidos,  
 Que para seu gasto, ou uso,  
 Se vale de forros velhos,  
 Para cahir em veludos.



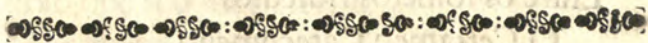
Não só em lençoes se deita  
 De linho, brancos, e fuscos;  
 Mas tambem se estende a Hollanda  
 E pòde saltar a Hamburgo!  
 Contra Pulgas esfaimadas  
 De ratos, e de sabujos,  
 Para defender dinheiros,  
 Importa fazer escudos.  
 Porém ha Pulgas peyores,  
 Que entraõ nas camas aos pulos;  
 E das sementes humanas  
 São diabolicos gurgulhos!  
 Os ladroens das sevandijas  
 Tem os mesmos attributos;  
 Que, como o dinheiro he sangue;  
 Elles o tiraõ enxuto.  
 O extinguir estes, e aquelles  
 Facilito, e difficulto;  
 Porque a huns bastaõ dois dedos;  
 E a outros nem mil verdugos.  
 Tambem ha ladroens Poetas  
 Em prosa, e verso gatunos,  
 Que he bem vaõ por sevandijas  
 Neste meu folheto inclusos.  
 Folheto lhe chamey? Irra,  
 Do nome me dezempulho;  
 E bautizando-o em Romance,  
 Do tal Demonio abrenuncio.

He hum Satanàs sem graça,  
 A quem os tolos daõ culto;  
 Porque para tudo ha homens  
 Maraos, marotos, marujos.  
 A tão çafada moeda,  
 Naõ sey porque daõ indulto,  
 Para que corra na Praça,  
 Naõ tendo cruzes, nem cunhos!  
 Eu naõ sey o que he Folheto;  
 Porém, se mal naõ construo,  
 He das quatro sevandijas  
 Hum bem tirado debuxo.  
 Se elles picaõ, fedem, comem,  
 E mordem tambem a furto;  
 Saõ Mosquitos, Percevejos,  
 Piolhos, e Pulgas tudo.  
 Diráõ que sou mal dizente,  
 De que peccador me accuso;  
 Porém fallaõ nesta Corte  
 Mal do Folheto atè os mudos.  
 Naõ vay fóra de proposito,  
 Encaixar hum par de esdruxulos  
 Nestes novos Academicos,  
 Que nas materias saõ unicos;  
 E cantaõ como Fleumaticos  
 Os impertinentes musicos;  
 Que os naõ ha mais melancolicos  
 Por tristes, frios, ou humidos.



Sevãndijaãdo malevolos  
 Das Academias os jubilos ;  
 E ja na terra he Vox populi,  
 Que té a Creças fazem tumulos.  
 Presaõ se muito de incognitos,  
 E inda mal que saõ taõ publicos,  
 Que os naõ exponho por credito  
 Das Cadeiras, e dos Pulpitos.  
 Se he que querem dos Poeticos  
 Entrar por força no numero ;  
 De Hippocrene o crystal liquido  
 Naõ entra em nojentos pucaros.  
 Alguns, que em nada saõ classicos,  
 E menos de Apollo subditos,  
 Vivem só de assaltos metricos,  
 De que naõ fazem escrupulos.  
 Entre os folhetos ridiculos  
 O Certamen Catecumeno,  
 Parece de Autor monoculo,  
 E de Poeta munusculo.  
 De miolo saõ famelicos,  
 Mas de barriga taõ tumidos,  
 Que sempre os veraõ de estamagos,  
 Cheyos, e sempre em concubitos.  
 Mas dos Doutos benemeritos  
 Fio que de seus circuitos  
 Desterrem com termos rapidos  
 Esta assemblea de rusticos.

E pois que tão mãos Grammaticos  
 Tem sido em folhetos plurimos,  
 E primeiros neste genero,  
 Sejaõ neste caso os ultimos.  
 Antes que Apollo colerico  
 Defate hum rayo sulfureo;  
 Naõ só a quebrarlhe os animos,  
 Mas a deceparlhe os musculos.  
 Morraõ os nefcios anonymos,  
 Vivaõ os discretos lucidos;  
 Naõ hajaõ mais destes reprobos;  
 Acabem todos de subito.  
 Folheto em prosa somitiga,  
 E folheto em verso adultero;  
 Borrem-lho, rasguem-lho, queimem-lho;  
 Salguem-lho, ferrem-lho, currem-lho.



## LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de PEDRO FERREIRA,  
 Impressor da Corte. Anno 1731.

*Com as licenças necessarias.*